

Entrevistado: David Bretanha Junker

Entrevistadora: Débora Zampier

Débora Zampier: Vamos lá maestro, primeiro: seu nome completo, onde você nasceu e a data de nascimento.

David Junker: Bem meu nome é David Bretanha Junker, com ‘d’ mudo. Eu nasci em Presidente Prudente, São Paulo, em 25 de fevereiro de 1961.

Débora Zampier: O Sr. ficou com sua família ali. O que seus pais faziam, como é que era a sua infância?

David Junker: Meus pais são... meu pai era construtor, pedreiro, depois ele virou construtor, mestre de obras, a minha mãe trabalhava no SESI, Serviço Social da Indústria, e ela conseguiu uma transferência para cá e meu pai simplesmente veio com a família porque minhas irmãs mais velhas, é uma história muito interessante, nós somos uma família de seis, três mulheres, 10 anos e três homens e eu sou o caçula. Então nossas esposas, dos filhos, tem quatro sogras né? Porque elas é que nos criaram, ajudaram a minha mãe a nos criar, então nós somos uma família muito unida, tenho 17 netos e a gente vive junto. Então essas irmãs mudaram pra cá em 1968,9, e aí nos trouxeram, meus pais, com o restante dos meninos e eu tinha 9 anos de idade né, quando viemos pra cá. Moramos em, antes, eu sou nascido em Presidente Prudente, interior de São Paulo, é chamada a capital da alta sorocabana, o noroeste do estado, mudamos para São Paulo, a cidade, acho que eu morei lá uns 2 anos, no início dos anos 60, depois voltamos para Presidente Prudente, até nos aportarmos em Brasília e, para cá ficamos, por aqui ficamos, a única, os meus pais né, os únicos né de uma grande família, ambos os meus pais, tiveram muitos irmãos e eles ficaram ainda naquela região, nós é que viemos para cá, naquela época. Me lembro que, foi uma viagem, eu vim no caminhão da mudança, foram 2 dias de viagem, eu menino com meu irmão e mais o pessoal que estava, no caminhão, tinha uma moça conosco, foi assim, uma aventura muito interessante, aquela viagem ficou marcada na minha vida de menino, e chegamos aqui no início já da W3 Norte, da 703 Norte, vi umas casas de madeira ali em frente a Disbrav, hoje, o ponto de referência pra nós era a, Disbrav, que já existia, naquela época e tinha muitas oficinas por ali, muitas oficinas, nós ficamos alguns anos ali até 1974 quando meus pais mudaram pra 405 Norte, então, eu sou assim, cidadão da Asa Nort, moramos muito tempo na Asa Norte. Me lembro, quando criança, a gente brincava na W3 Norte, porque não tinha muito carro, naquela época e tinha uma escola na 705, então ali eu fiz o 3º e 4ª série, depois, fui pra 104 Norte, 5ª e 6ª, ficando sempre na Asa Norte, até, descer para o, na época era o CIB, que era da Universidade de Brasília, na 606 que hoje em dia faz parte do hospital, lá da UnB, ali eu fiz a 7ª, a 8ª série, depois eu fui para o CAM, que era o colégio da Asa Norte, aonde eu fiz até o 2º ano e somente no 3º ano que eu fiz 3º ano especial que eu fui para o Objetivo, estudar com o objetivo de fazer vestibular na UnB, e ali foi minha irmã que pagou, meus pais, muito simples, eles tem só o 1º grau completo, era nem o 1º grau, era os primeiros 4 anos que a gente falava né, então, a educação

mesmo apesar assim de, uma coisa muito interessante, meus pais não terem estudado, mas todos os filhos fizeram curso superior, temos dois doutores com PhD e mais dois com mestrado. Então assim, uma coisa importante no meio nosso familiar era a questão dos estudos, todos nós tínhamos que estudar e todos os filhos procuraram estudar apesar dessa dificuldade de uma educação acadêmica digamos assim, por parte dos pais né? Mais, as nossas irmãs mais velhas, acho que a minha irmã mais velha junto com o cunhado, eles, mais ou menos que, é, proveram esse, essa lacuna dos meus pais, então, nos ajudaram, a todos os outros irmãos a estudar...

Débora Zampier: E desde o começo teve a ideia de fazer música assim, foi...

David Junker: Olha, em casa, eu sou de uma família de tradição metodista, a Igreja Metodista, nós somos evangélicos e na Igreja Metodista que é considerada uma das protestantes históricas, a música, a tradição musical, naquela época era muito forte, então na nossa família todos nós cantamos o tempo inteiro, nós nos reunimos para comer a gente começa cantando, e, agora com as outras gerações, os netos e bisnetos, frequentemente a gente faz um coral familiar, e temos na minha geração 4 regentes, de corais, e nas outras gerações temos compositores e outros regentes de corais, é uma família assim, de uma tradição musical, coral, muito forte. Quando era adolescente em Brasília, é, uma coisa muito interessante que essa cidade fazia, nós achávamos que essa cidade era uma cidade fria na época, por causa das pessoas que vinham trabalhar para o governo e não se adaptavam muito bem aqui e voltavam né, então, nos anos 70, teve uma geração muito grande de cariocas que achavam isso, tinham saído da cidade nos anos 60, 70 e não se adaptaram e voltaram, aí, eles, indo embora, vieram pessoas do sul, então, achavam que as pessoas daqui, não se cumprimentavam, não se conheciam direito, que era uma cidade fria, na realidade, o que eu sempre senti assim, é você fazendo parte de um algum tipo de sociedade específica e você prosperava junto com aquela cidade, com aquela sociedade, com aquela comunidade, e a comunidade que nós fazíamos parte era a comunidade da igreja, então nós tínhamos os nossos estudos, e tínhamos as atividades de fim de semana da igreja, então, nesse sentido nunca nós achamos Brasília ser uma cidade fria, e também além disso, nós tínhamos quando adolescente o coral do SESI de Brasília, que foi a minha grande escola inicial, a partir do SESI, porque a minha irmã e cunhado eles eram os regentes, o professor de técnica vocal do coro trabalhava no SESI e eu entrei nesse coral quando eu tinha 15 anos, e, eu me lembro, em 1975 por exemplo nós viajamos demais porque era o coral que cantava para as atividades da presidência da república e dos ministérios, então era uma espécie de coral oficial do governo. Me lembro uma vez que nós fomos no Rio de Janeiro cantar num jogo de futebol do Flamengo em Volta Redonda só pra cantar o hino nacional porque o presidente da república estaria ali, e nós ficamos muitos dias no hotel no Rio de Janeiro, fim de semana para irmos lá em Volta Redonda, cantar e voltarmos, então, isso acontecia, acontecia naquela época, e a gente cantava por exemplo, nas festas de fim de ano e em vários tipos de recepções e cerimônias do governo, o coral cantava, mais, ele também fazia o movimento cultural muito intenso pelo país, viajávamos bastante, participávamos de vários festivais, então eu passei a minha adolescência, estudando e fazendo parte do coral, só que pra você viajar, você tinha que ter média 7 no mínimo, e como nós

faltávamos muito por causa das viagens, então a gente tinha que estudar bastante. Então, achei assim, eu passei uma adolescência e o início da juventude muito rico, conheci muita coisa, é, embora nós não tivéssemos condições econômicas, mas, é me considero muito privilegiado por ter tido a adolescência e a juventude que tive, em função das comunidades que eu fazia parte, principalmente da questão desse coral, por uns 4, 5 anos de vida, da minha vida eu fiz parte desse movimento.

Débora Zampier: Voltando um pouco lá para trás, uma coisa que eu queria te perguntar, você falou que a viagem para Brasília, foi um momento marcante da sua vida, queria saber um pouquinho das suas impressões quando seus pais falaram: “ó, a gente vai mudar para Brasília”, quê que você achou disso, que vocês conheciam alguma coisa da cidade já, ou você achou ruim, achou bom, e quando chegou aqui as primeiras impressões que você teve daqui ainda menino.

David Junker: Bem, em relação à Brasília, uma criança de 8 para 9 anos, eu acho assim, você tá na família, família vai tomar alguma atitude de mudança, que é uma atitude radical, você simplesmente vai. Eu não me lembro de ter tido nenhuma assim: “ah, vou conhecer Brasília” ou “não vou gostar, não vou deixar meus amiguinhos aqui”, e tal, não me lembro de ter tido alguma reação ou adversa ou de muita alegria e, né, porque estava mudando. Acho que foi de alegria pelo seguinte sentido: alguma coisa diferente vai acontecer, me lembro quando eu viajava eu quase que não dormia, a gente saía de madrugada, então era aquele momento de expectativa muito grande, eu acho que houve foi esse tipo de expectativa. E a viagem por ter sido um momento marcante foi no sentido de aventura, você viajar de caminhão, praticamente 2 dias de viagem, com 2 motoristas, uma moça que tava cuidando de nós e o irmão ali. Então assim, isso foi marcante né, de ter, de ver coisas diferentes, nesse sentido que foi marcante e Brasília, nós chegamos aqui era aquela poeira danada, dificuldades em muitos termos, que a gente tinha, é, era muitos prédios de madeira ainda na Asa Norte, é, aonde nós morávamos, a primeira casa foi uma casa de madeira, apesar de ter sido um sobrado, tinha... os quartos eram em cima, mas, para um menino aquilo tudo é, uma grande aventura? E nós estudávamos na 705 Norte, eu estudei com meus irmãos, estávamos ali, que a gente ia para a escola a pé, não tínhamos carro né, para ter o primeiro carro na família foi só a partir de 72, se não me falha a memória, é, então assim, tivemos aquela vida simples, o meu pai logo arrumou emprego, minha mãe já veio transferida, minhas irmãs já arrumaram emprego, minhas irmãs já trabalhavam na Fundação Educacional, então aquilo foi só...só foi tocando né? Uma coisa interessante da minha infância foi o fato de eu mudar muito de escola, saí da 705 pra 104, da 104 para...era praticamente dois anos e eu mesmo é que fazia as minhas matrículas, eu mesmo que ia atrás do que ia acontecer e...não me lembro de meus pais terem ido a nenhuma reunião de pais e mestres porque a gente já chegava com as coisas prontas, minhas notas, nunca tive problema de notas, com meus irmãos, dever de casa eu fazia na própria escola é...

Débora Zampier: E por que você queria mudar tanto de escola, você queria ver gente nova, coisa nova...

David Junker: Não, era a situação. Na 705 era até a 4ª série só, então eu tinha que mudar...

Débora Zampier: Ah tá!

David Junker: E a outra escola só tem até a 6ª, ou seja, só até onde eu estudava, então, já na 7ª eu tinha que mudar, e na mudança da outra escola foi porque eu fui passar um tempo com a minha irmã que morava no final da Asa Norte, então, eu mudei do CIB pra CAM por uma questão só circunstancial, então era assim, isso aconteceu na vida, não foi assim... entendeu? Querer mudar não, foi circunstâncias familiares.

Débora Zampier: E além das atividades que você falou que, fazia muita, é as coisas na igreja, tudo, o quê que tinha de legal de fazer em Brasília, o quê que você gostava de fazer, tanto na infância, na adolescência, com esses programas...

David Junker: Olha, eu me lembro na infância o gostoso era a gente ir para o parque da cidade, me lembro do foguete e tal, a gente passava, por exemplo, domingo a tarde ou sábado a tarde, poucas vezes nós íamos á clubes, é, mais houve uma experiência muito drástica na família, que é um acidente que houve com a minha irmã, mãe e dois irmãos quando nós fomos pro Clube Motonáutica, ali chegando na Vila Planalto, e aconteceu, nós, eu estava no outro carro, da outra minha, da outra irmã, nós estávamos indo para o clube e houve uma acidente muito feio, minha irmã ficou em coma por muitos dias, minha mãe ficou muitos dias com a perna quebrada, no hospital de base na época, aí, aquilo assim, remexeu bastante com a família? E eu, uma criança, isso foi em 1973, mas o costume era a gente ir assim, participar das coisas da igreja e irmos pra algumas atividades sociais. Agora uma coisa que me marcou bastante, como os ensaios eram no setor comercial sul e eu morava na Asa Norte, nós tínhamos passe do coral pra ir tomarmos ônibus e passarmos pela rodoviária, aí, eu, como assumi algumas atividades, de arquivista, de outras coisas no coral, então todo dia 5 horas da tarde eu tomava ônibus, nós tínhamos ensaios diários, das 6h às 8h, e sábado das duas às 7h, então era, foi uma escola, uma verdadeira escola, com, assim, muita disciplina, por causa dessas atividades, e eu gostava de passar na rodoviária e comer o meu pastel com caldo de cana que até hoje traz muita saudade da gente passar ali na pastelaria Viçosa, e a gente fazia isso, com muito gosto, (risos). Era uma coisa assim, um highlight... do dia, uma coisa muito boa, quando adolescente a gente fazia isso e até, andávamos até o setor comercial sul, era no Edifício JK que a gente ensaiava, no 10º andar...

Débora Zampier: Lembra de tudo hein maestro?

David Junker: Pois é...

Débora Zampier: Nossa, que memória! E a música faz isso, né?

David Junker: Exato, a música ajuda bastante, desenvolve umas técnicas...

Débora Zampier: Eu fiz música também, eu digo que ajudou alguma coisa, mas não como o Sr., tem a memória maravilhosa. Outra coisa também que eu queria saber, como que você... o coral e aí desde o começo já queria essa área da música, essa área da regência, como é que foi a escolha?

David Junker: Isso é uma história muito interessante na minha vida. Quando eu tava fazendo o 3º ano especial, naquela época o Objetivo tinha, oferecia matérias na área de exatas e pra área de humanas, como filho mais novo, eu tinha muita facilidade com matemática, essas coisas na época, eu acho, eles achavam, eu continuo achando que não. Mas tinha uma pressão familiar para que eu fizesse engenharia civil, tendo em vista que meu pai era construtor, então minha irmã falou assim: “- eu vou te pagar o Objetivo, mais você vai para turma de exatas porque você vai fazer engenharia civil, música não dá, olha que nós somos professores, tem dificuldade e tal”. Então lá fui eu fazer 3º ano especial na Objetivo com vistas a fazer vestibular pra engenharia civil. No dia da inscrição, uma coisa muito interessante, eu descii, entrei no campus da UnB, me lembro até hoje, ala norte, quando eu entrei na fila, indo pra fazer, mais o meu coração algo batia muito forte para a questão da música e houve assim, uma coisa muito forte em mim, é, e o quê que eu vou fazer, engenharia, música, engenharia, música, e de repente eu falei: “-ah, eu quero é música mesmo, e vou fazer para música”, e fiz inscrição para música. Quando eu cheguei em casa, me lembro que tinha até é...isso eu havia esquecido, de memória eu havia esquecido porque me foi lembrado por um rapaz que cantou comigo há pouco tempo falou: “olha, aconteceu isso, você lembra disso?”. Aí depois de muitos anos é que eu fui lembrar desse caso. Cheguei em casa e aí a minha irmã falou: “então, fez inscrição para engenharia civil?”. Falei: “não, fiz para música”. Aí veio aquela bronca: “você sabe, eu estou te ajudando para fazer engenharia e você vai faz música”, e tal, e diz que eu virei para ela, esse rapaz que me contou, e falei assim: “você ainda vai ouvir falar do meu nome em música no país.” E, então, fiz para música, me lembro, acho que foi 2º vestibular com as provas específicas para música, e, desde aquela época, na música estou. É, muita gente pergunta assim: “como que é realizar música?”. Eu costumo responder da seguinte maneira: “olha, tudo que você fizer, se você fizer com o máximo das suas forças, o seu coração fizer com dedicação, sempre haverá espaço no mercado e nas suas realizações pessoais.” Então, acredito que não só a música, mais toda e qualquer área, e se você tá dentro do centro da vontade de Deus, que quer o melhor pra você, sempre haverá situações em que você tem vitórias e sucesso na vida.

Débora Zampier: E, fala um pouquinho então da sua trajetória, já que muita gente que conhece seu nome, mas tem gente que ainda não conhece, vai acessar o site, fala um pouquinho da sua trajetória na música.

David Junker: Bem, eu fiz o vestibular, tinha 17 anos de idade quando eu fiz o vestibular, entrei na UnB para condução e regência, era aluno do Santoro, Cláudio Santoro, que foi um dos maiores nomes da sua geração no Brasil, no século vinte, e, muito conhecido internacionalmente, eu me lembro até que quando eu comecei a estudar

com ele e chegava falava assim: “nossa, o professor tem seu nome até em enciclopédias russas!”. Daí eu fiquei assim, impressionado, nossa, meu professor é famoso e tal...

Débora Zampier: Ele já era reconhecido em vida assim...

David Junker: Ele já era reconhecido em vida, tinha morado muitos anos na Alemanha, então suas obras eram muito conhecidas na Europa e, ele realmente tinha o nome em enciclopédias de outros países, de outras línguas e outras culturas já, era muito conhecido, ele foi aluno da Nádia Bulangè, que faz de nós, uma linha muito, é... como é que eu posso dizer...uma linha musical de pupilos, muito importante do século vinte porque ela também teve um nome muito forte no início do século vinte, compositora francesa, e era aluno dela né, então...aí eu fiz o vestibular, e tinha como colegas o Sílvio Barbato, Rosilda, o Noronha, e outras pessoas que, hoje em dia também tem seus nomes é, fincados na música brasileira, música erudita brasileira, e me sinto muito honrado de ter sido aluno de professores como Bohumil Med, Gonzaguinha, Vasco Vinechy que, e outros mais que, faziam parte de uma geração de músicos muito fortes no Brasil, não só na UnB, mas também internacionalmente falando, porque, o quarteto de cordas de Brasília, ele andava muito, por muitos países, e o quinteto de sopros também, andava em muitos países, e nós tínhamos professores de conclusão como o Cláudio Santoro, Jorge Antunes, é, então assim, são nomes que tiveram muito influência muito forte na minha juventude em relação à realização musical. Eu terminei, a UnB, já, como aluno ainda, já dava aula numa faculdade, Faculdade Teológica Batista de Brasília, isso foi a partir de 1982, que eu havia saído pelo MEC para fazer um curso junto à Funarte no Norte do país, e a partir daquela época eu tive uma espécie de licença, já dava aulas, mesmo sendo aluno já dava aulas no nível superior. Depois eu fui dar aula na Fundação Brasileira de Teatro, ainda regência, canto coral e também teoria, eu dava aula de teoria, eu tinha sido aluno do Bohumil, então eu trabalhava com essas partes: teoria da música, e então, nessas áreas, até que em 1983 uma missionária norte-americana viu uma estrela na minha testa e falou: “vou te levar para os Estados Unidos”. Ela me dava aula de inglês porque eu não falava inglês ainda, e dava aula para os outros cobrando, não cobrava de mim e o que ela cobrava dos outros foi para me ajudar a pagar passagem.

Débora Zampier: Como que ela o conheceu... como vocês se conheceram?

David Junker: Através da igreja...

Débora Zampier: Da igreja...

David Junker: É. Dorothy Santi era o nome dela, da família Santi, o esposo dela, o Santi, ele era pastor aqui e algumas igrejas ajudavam, a ação missionária deles, e por essas igrejas eu passei quase que um ano nos Estados Unidos, aonde eu comecei a fazer o mestrado, havia terminado o curso de composição e regência, aí fui lá para estudar, estudei com um nome muito famoso na música coral internacional que era o Albert Shop, foi o primeiro curso que eu fiz com ele, foi em 1983, e depois eu fui fazer já dois semestres de pós-graduação em música sacra num seminário, chamado School Theological Seminary, que é no estado de Kentucky, e nessa, viajei muito, por muitos

estados, junto com essa senhora nos Estados Unidos, passei muito tempo no Texas, Missouri, foram mais de vinte estados a gente viajando e, nessa época, é passei pelo estado de Missouri aonde eu conheci o programa que eu queria me inscrever, para fazer mestrado e doutorado, conheci algumas pessoas, um professor brasileiro que lá estava, já fiz a inscrição, ali o departamento de música me aceitou como aluno, então eu voltei ao Brasil pra tentar galgar alguma bolsa, e consegui, a, uma bolsa da Capes Fulbright, aliás eram três agências que chamavam Capes Fulbright Laspau, Laspau American Scholarships for American Universities, bolsas de estudos para a América Latina, para serem feitas em universidades americanas, era essa agência internacional além de Fulbright, só que esse processo levava um ano, nós éramos mais de trezentos professores, de curso superior para cinco vagas, e o processo demorou um ano, só, é...não foi bem um ano mais eles diziam que, só iríamos obter a bolsa um ano depois, entramos em agosto e saímos em julho do ano subsequente, mas para minha surpresa, no dia do aniversário em 25 de fevereiro, foi quando eu recebi a notícia que eu estava, é...escolhido dentre oito pessoas, aí eles haviam falado assim, tinham dado só cinco vagas porque no ano anterior tinham oferecido dez vagas e não tinham pessoas com nível suficiente, então tinham cortado para cinco vagas, como nesse ano depois de muitas fases é, tinha mais de cinco pessoas, eles aumentaram para oito vagas e eu fui um dos contemplados com a bolsa Fulbright, Fulbright Caps Laspau, pra ir pros Estados Unidos fazer mestrado, uma coisa interessante do Fulbright é que uma vez que você é fulbrighth scholar, você é fulbright scholar para o resto da sua vida, então qualquer atividade acadêmica que você tenha em um outro país, eles reconhecem mais o fato de eu ser fulbright scholar fora do Brasil do que ser doutor em música e como, e, por causa disso, o universo se abriu pra mim academicamente falando, eu tive muitos contatos, com muitas instituições acadêmicas é, por, diversos países do mundo, pelo fato de eu ser fulbright, então isso me ajudou bastante, apesar de ter sofrido várias etapas, naquele ano fatídico e a gente tava casando, não sabia se montava a casa aqui ou se ia pra fora do país, mas, graças à Deus conseguimos sair e eu já aproveitei fiquei pra mestrado e doutorado, voltei em 1990, com doutorado já direcionado para a área de canto coral no país e, segundo me consta daquela época, fui a primeira pessoa com doutorado já para a educação musical, direcionado no desenvolvimento da área de canto/coral.

Débora Zampier: E desde então o Sr. sempre quis voltar aqui mesmo para Brasília? Desde o começo...

David Junker: Sim. Tinha assim, foi uma coisa muito interessante porque, é... você tem como missão, você não é só uma profissão, aquilo que eu sentia na minha vida faz parte de uma missão, trabalhar com pessoas, desenvolvê-los e trabalhar com música na vida delas, para que elas tenham um estilo de vida mais aprofundado e tenham em suas vidas algo que seja, de um sentido mais profundo na vida, isso sempre foi missão para mim, e em 1989, quando eu estava terminando o doutorado, começaram abrir os concursos da Universidade de Brasília, então era só, antes daquilo, a geração que tinha sido os meus professores e eu vim aqui pra fazer né, e eram, eram duas vagas e eu concorri com mais alguns colegas naquela época e fui, é, agraciado com o primeiro lugar daquele concurso, então eu consegui entrar na UnB, em 1990, até o processo do concurso, é, concorrer no

seu todo, entrei em 1990 na universidade e tinha o privilégio naquela época de ser o mais novo a sentar-me na reunião do colegiado com os meus ex-professores. Só tinha uma dificuldade que era o único doutor na época e me lembro que seis meses depois tivemos uma greve, que era muito comum, ainda é, nas universidades brasileiras, e os doutores tiveram seus salários aumentados em 50% em virtude daquela greve, e eu me lembro de ter ficado numa situação muito esquisita na reunião de colegiado que eles falavam: “esse pirralho, tá aqui, que acabou de chegar e já tá com salário mais alto que o meu!” e tal, “ – mas eu não tenho culpa!”, falava assim pra eles, é...coisas interessantes que aconteceram.

Débora Zampier: E como é que é isso, você falou de não ter o mercado não só em Brasília, mais viver de música no Brasil, como é que é isso? Eu queria que você fechasse até agora mais para Brasília, como é viver de música?

David Junker: Então, em Brasília o mercado para isso é muito bom, porque, não só na área de música coral, mas, por exemplo, os músicos que trabalham, hum... que nós chamamos músicos da noite, e você trabalhar em, nas escolas, você tem o mercado escolar que não só da escola de música que é uma das melhores escolas de música do país, talvez seja a maior não é? eu não tenho certeza disso, mas a impressão que eu tenho é que seja a maior no número de alunos para o nível secundário do país, e, muitas escolas particulares que os próprios alunos fizeram, nós temos mais de, centenas de grupos corais, de todos os tipos de gêneros, coros de empresa, coros de escola, coros independentes, coros de igreja, então assim, temos muitos grupos corais, o movimento cultural na cidade de Brasília para você que é músico, você que quer fazer música, não é tão difícil você achar o seu lugar no mercado aqui em Brasília. Brasília nesse sentido ela é muito boa e, tem assim, muitos grupos instrumentais, nós temos, orquestra, é, do Teatro Nacional com uma orquestra profissional e muitos grupos orquestrais que se formam, a Universidade de Brasília mesmo têm as suas orquestras que se formam para as suas atividades específicas, não temos uma orquestra, é, fixa, mas temos orquestras na UnB que são desenvolvidas para essas atividades específicas, e tem uma atividade que é a orquestra chamada Camerata, da professora Glêsse Collet, que essa é fixa, que é uma orquestra de cordas, mas, vira e mexe nós temos atividades pra todos os instrumentos, todas as áreas.

Débora Zampier: É, uma outra pergunta que eu queria fazer, que a gente falou, de coisas que você gostava de fazer na adolescência e tal, e essa questão da música, hoje a gente vê que tem tido muito, feito muitas coisas para Brasília, musicalmente falando, muitos shows, muitas apresentações, mas como é que foi essa, é...evolução sua, além do contato na igreja, que o Sr. tinha, tinha algum outro contato de música na sua vida?

David Junker: Sim, sim, eu também, tava deixando aqui em branco, estudei na escola de música por um ano, e eu não posso deixar de citar pra questão de Brasília o trabalho pioneiríssimo do maestro Levino de Alcântara, se não fosse pelo maestro Levino de Alcântara, ele para mim foi assim, o grande idealizador, aquele que trouxe muitas pessoas para Brasília, ele que foi o primeiro diretor da escola de música de Brasília,

e uma visão fantástica que até hoje, com mais de 80 anos ele ainda tem, trabalha numa cidade do interior do Pará, aonde faz um movimento cultural impressionante, então nós temos, devemos muito à este homem, mas junto com ele nós tivemos outros nomes que eram fortes, por exemplo, os próprios professores da Universidade de Brasília, Cláudio Santoro, que começou a orquestra do Teatro Nacional, então nós tivemos assim, nomes que foram muito fortes, desde o início da fundação de Brasília, em relação à movimentação cultural, a movimentação musical da cidade. Eu considero a nossa geração uma geração muito privilegiada por causa dessas pessoas e o que elas puderam trazer para Brasília, por exemplo, o curso de verão, o curso internacional de verão, é um dos mais famosos, não só do Brasil, mas da América Latina, nós trazemos muitas pessoas, nós não, a escola de música traz, com o seu programa muitas pessoas e, ferve de movimentação cultural no mês de janeiro por causa desse curso, a Universidade de Brasília também tem promovido muitos cursos, encontros, seminários, em Brasília nasceram, por exemplo, na minha área, a Associação Brasileira de Regência de Coros, por causa de convenções que foram realizadas aqui nos anos 90, e também no ano 2000, é, na Universidade de Brasília, por causa do movimento de alguns professores, as suas atividades elas são muito bem realizadas, por exemplo, um excelente professor de clarineta você tem muitos clarinetistas bons, que ficam aqui em Brasília? Nós temos na minha área muitos corais, e na UnB mesmo você tem um dos maiores programas de atividades de canto coral de uma universidade brasileira, nós temos ali turmas de duzentas pessoas, nós temos alunos que ficam para fazer matrícula, que ficam fora da matrícula, alguns semestres são mais de mil alunos, é a matéria mais procurada da Universidade de Brasília, nós temos mais de 15 grupos corais no campus universitário, temos corais que, agora, por exemplo, o coral da UnB está na Europa, o Madrigal UnB viajou muito esse semestre, foi para Argentina, foi pra interior do Brasil, são grupos que, tem uma atividade cultural muito forte, são grupos modelos, de nível internacional, e de realização musical muito forte. Então a universidade também é um polo muito forte nesta área, e em outras áreas de música também.

Débora Zampier: Sr. falou de muitas coisas aí que são e tal, mas o Sr. acha que ainda falta um pouquinho de impulso pro pessoal apresentar mais aqui em Brasília ou o Sr. acha que já é bastante evidente, porque acho que tem muitos brasilienses que não sabem todos esses grupos, toda essa questão essa música erudita aí acontecendo, o Sr acha que falta?

David Junker: Eu acho que são os dois, apesar de haver um movimento cultural intenso, é, ele não atinge a população toda, nós temos, somos, perto, acho que 2 milhões e seiscentos mil habitantes aqui, e apesar de essas atividades, inclusive nas cidades satélites, a música erudita em si, ela não é muito conhecida, então nós temos um problema que começa pela questão cultural, o acultramento até, o não conhecimento cultural, eu acho que isso é uma coisa muito importante que, que ocorre nas cidades brasileiras, infelizmente tem outros tipos, infelizmente para a música erudita, não para a música em si, mas outros tipos de música que são muito mais ouvidos, e, e a música erudita sofre com isso, mas nós temos grupos corais em Brasília que são celeiros para

atividades culturais, então por isso que eu acho que são as duas coisas, nós temos muita atividade, mas também estamos a quem daquilo que seria a demanda por conhecimento.

Débora Zampier: Uma coisa também que eu queria perguntar pro Sr. é sobre a Universidade de Brasília, que o Sr. tem uma relação muito forte, né? O Sr. estudou lá, professor lá e tudo mais, queria que o Sr. falasse um pouco dessa relação com a universidade. Primeiro quando o Sr. estudou, é, como é que era seu dia a dia?

David Junker: Bem, é, Universidade de Brasília é a minha vida né, é, vida profissional, de carreira eu devo muito à universidade porque quando você é, tem por detrás de si, uma instituição como a Universidade de Brasília, fica muito mais fácil você alcançar, galgar degraus em relação à sua carreira, não só nacionalmente falando, como internacionalmente falando, é porque eu estou indo como representante, então essa questão da representatividade institucional é muito forte, então a UnB abre muitas portas, a gente pode não ter um salário que muitas pessoas pensam né, que o salário não é tão digno de um professor universitário, como acontece em outros países, mas a universidade como instituição me abre muitas portas para a realização profissional, então isso é importante desde o início da minha vida como estudante, eu já sentia isso, que eu tive o privilégio de fundar o coral da UnB trinta anos atrás, junto com o coral da UnB fundei também como regente a atividade Serenata de Natal, que é uma atividade cultural muito, de muita tradição já, porque tem cerca de trinta anos de vida, e outras atividades mais aconteceram, ainda como aluno eu tive a oportunidade de realizar ali no campus da UnB, e depois como professor, que este ano está fazendo vinte anos, de carreira, já de carreira como professor, é, por incrível que pareça eu sou o segundo mais antigo do departamento de música nos dias de hoje, é, a universidade logicamente tem um papel importantíssimo na minha carreira, se não fosse pela universidade eu não teria conseguido galgar muitas coisas, dentre elas a abertura, por exemplo, fazer a primeira Mind of the beauty, que a gente fala, no Carnegie Hall, que é uma das casas de espetáculo mais importantes do mundo, estando em Nova York, e, depois que você se apresenta ali muitas portas se abrem para sua vida, sua carreira artística, e, isso logicamente aconteceu por causa da Universidade de Brasília, então, nesse sentido eu devo muito à Universidade de Brasília, qualquer coisa que eu possa fazer é por ela, como instituição, para o desenvolvimento de sua instituição não será equiparado àquilo que a universidade tem dado a mim como chances de desenvolvimento da minha carreira e, também o lado é, acadêmico, como professor, eu tenho tido muitos alunos fantásticos, que estão aí desenvolvendo as suas carreiras, alguns deles já internacionais, muitos deles são produtos do nosso trabalho, e eu falo isso com muito orgulho e com muita alegria no coração, e alguns deles já são de gerações, já dei aula para pais, agora filhos, e isso acontece, é uma coisa comum na área de música, então tem esse lado também da satisfação, da realização, no seguinte sentido de você tocar vidas a realizarem aquilo que você acredita ser muito importante e elas também, se sentirem isso nas suas próprias vidas. Então isso é um papel muito importante porque o professor, ele sabe que, ele vai influenciar uma vida né, uma vida de um indivíduo né, pelo resto dos seus dias, e então é uma responsabilidade muito grande você tomar este papel de professor na comunidade como um todo, porque qualquer coisa que você faça, irá influenciar a vida dessas pessoas, então você tem que tomar muito

cuidado com as suas atitudes, principalmente também com o seu próprio testemunho de vida.

Débora Zampier: É um formador de opinião por natureza, o professor, por definição...

David Junker: É verdade...

Débora Zampier: É... eu não perguntei nenhuma coisa da Asa Norte ainda, não saiu do seu habitat como cidadão da Asa Sul... (risos)

David Junker: Pois é, eu ia a pé, morando na 405, eu ia a pé pra UnB como aluno, fui também de bicicleta e tive ali a bicicleta roubada. (risos)

Débora Zampier: Os problemas eram os mesmos então, desde sempre, roubar carro hoje...

David Junker: É verdade...

Débora Zampier: Você lembra de algum fato divertido, diferente, alguma coisa que aconteceu em relação à cidade em si assim...algum local que associe você à cidade?

David Junker: Eu já falei de vários fatos aqui em relação à universidade, em relação à minha vida, aos estudos, eu tomava muito ônibus quando jovem me lembro, por exemplo, quando estudava no Objetivo que era no final da Asa Sul, e eu morava na Asa Norte, então quem tinha que acordar um pouquinho antes das 6h da manhã e tomando daqueles ônibus que eram, 'lotaaaados', para poder chegar aqui, no início da aula às 7h horas da manhã, isso é um fato que fica guardado na vida da gente, me lembro também que, em relação ao ônibus coletivo, que era PCB, quando criança que eu ia para escola de música eu nem pagava, passava debaixo da roleta, mas o dia que eu ficava sozinho no ponto de ônibus, o ônibus não parava porque não parava pra criança (risos). Então eu me lembro de algumas vezes ter chegado atrasado na escola de música porque eu tomava ônibus e o ônibus não havia parado era na 905 sul, antes de terminar para área 2 sul, escola de música, então na alvorada 3 norte-sul e isso acontecia comigo?

Débora Zampier: Tinha que esperar chegar alguma pessoa no ponto senão não embarcava?

David Junker: Senão não embarcava...

Débora Zampier: Ai, ai, ai...

David Junker: O motorista não parava pra criança. E também os fatos do coral do SESI, o fato da gente... ir pro setor comercial sul né, é, isso, a, também eram coisas interessantes. Mais eu tenho um fato aqui que, de muita risada, que a gente, eu me lembro do coral do SESI, nós tínhamos,é, quando as pessoas faziam aniversário, éramos todos adolescentes, só tinham os professores que eram adultos, éramos adolescentes e tínhamos aquela vida que era bem disciplinada, mas quando tinha alguma festa de

aniversário geralmente ocorria no sábado, é esse fato é muito interessante, não sei se eu devia tá contando esse fato...

Débora Zampier: Devia (risos)

David Junker: Eu me lembro de uma das mães fez um bolo e colocou no carro do maestro que tinha uma Belina vermelho, e deixou o bolo naquele, naquele, como é que a gente falava? Naquele de madeira que colocava... uma espécie de tabladinho como é que a gente fala, base de madeira, o bolo ficou no carro porque ia ser uma festa surpresa, só que no carro tava cheio daquelas baratinhas pequenininhas e nós fomos buscar o bolo depois de algumas horas, quando entramos no carro, tava infestado das bichinhas andando pelo bolo, nossa! Pegamos aquele bolo, batemos no chão e subimos com o bolo daquele jeito (risos) para a festa, e o interessante é que todo mundo falava “nossa, o quê que houve nesse glacê, tá uma delícia esse glacê!” E a gente comendo e os quatro que foram buscar o bolo só separando o glacê discretamente, não comendo glacê, comendo bolo, e o resto todo mundo comendo glacê, esse foi um caso muito interessante, depois de muitos anos é que nós viemos contar pros outros esse ocorrido (risos)

Débora Zampier: E você tem contato com o pessoal do coral do SESI?

David Junker: Temos ainda, nós nos encontramos, aliás, depois de trinta anos esse grupo voltou, nós fizemos um concerto semestre passado e agora ele tem o nome de Coral Neo Som, por acaso o nome do maestro é Nelson, Nelson Matias, mas, como a gente não pode chamar o coral do SESI de novo né, depois de trinta anos, então se chama Neo, N-E-O, espaço, Som, coral Neo Som, então fizemos um concerto semestre passado e eles têm interesse em continuar nos encontrando, todos agora somos avós e tal, eu não ainda não, mas muitos avós ali, então esse grupo, muitos deles ainda se encontram.

Débora Zampier: Vocês tiveram uma história muito unida ali né, na adolescência.

David Junker: Muito...

Débora Zampier: Passaram muita coisa né?

David Junker: É.

Débora Zampier: A última coisa maestro, é, quando o Sr. olha a cidade hoje, o quê que o Sr. vê de, o que ela mais mudou e coisas por outro lado que ela é igual o que ela era quando o Sr. chegou aqui assim, quê que o Sr. aponta?

David Junker: Bem...

Débora Zampier: Tá igual ou tá muito diferente?

David Junker: Uma coisa interessante, que eu sempre falei, Brasília, por exemplo, quando perguntavam pra mim qual a cidade que você mora, eu sempre achei que gostaria de morar em Brasília em relação às outras cidades, somente em Brasília, primeiro pelo

designer, que eu sempre achei fantástico, a arquitetura da cidade, o designer que Lúcio Costa fez, logicamente com Niemayer, foi uma coisa impressionante, e a facilidade, eu moro a 23 km da Universidade de Brasília, e posso chegar em 20 minutos e tenho acho que três ou quatro sinaleiros, semáforos, do que o cruz da cidade em termos de norte sul, que eu moro perto do aeroporto, é, isso eu acho que a gente não encontra numa outra cidade, né? Então esse aspecto eu sempre admirei muito e me achei um privilegiado, morei cerca de dez anos, nesse período de 70 pra cá fora do Brasil, e sempre me reportava à cidade de Brasília como sendo uma das mais perfeitas pra você morar das cidades brasileiras por causa da sua facilidade, então isso para mim é muito importante, porém, acho que nestes dias, a questão do trânsito e dificuldades sociais, dificuldades que você tem de relacionamento, é, coisas que o governo como um todo deveria estar fazendo pra cuidar do desenvolvimento da cidade, nós temos aqui pessoas que vem para cá, então você só tem um inchaço, mas o trabalho de infraestrutura pra desenvolvimento dessas pessoas novas que chegam aqui, ele deixa a desejar, então o que acontece, as mazelas sociais estão cada vez maiores e mais profundas, e isso faz com que nós, que somos brasilienses de muitos anos, que eu me considero brasiliense, fiquemos cada vez mais tristes e as vezes dá até vontade de mudar dessa cidade pelo o que ela está se transformando, então tem o fator positivo pelo desenho dela, mas também, é, acho que não estamos conseguindo prover a estrutura necessária para o número de pessoas que está inchando, é, esse local, e isso pra mim é um fator muito triste.

Débora Zampier: É triste mesmo... eu que não sou de Brasília vim, moro aqui, vim fazer UnB também, cheguei aqui há nove anos, as coisas tão piorando significativamente né?

David Junker: Isso mesmo, isso mesmo...

Débora Zampier: Trânsito também tá piorando, mesmo com isso que você falou, tá é, tranquilo chegar, já não é mais tanto...

David Junker: É verdade...

Débora Zampier: Vou desligar aqui.

David Junker: Não, não desliga não, deixa eu acabar aqui...

Débora Zampier: Ah, o Sr. não acabou...

David Junker: É, porque eu não quero acabar numa nota é, assim tão triste, quero dizer o seguinte...

Débora Zampier: Então vamos lá, vamos.

David Junker: É, Brasília, para a minha área, sempre tem sido uma grande bênção, e eu me considero tremendamente privilegiado pelo fato de ter saído do interior de São Paulo, não sei o que seria da vida de minha família e de minha vida agora se eu tivesse ficado no interior de São Paulo, aqui eu tive as grandes oportunidades de desenvolvimento intelectual, desenvolvimento acadêmico, e eu devo isso à questão da cidade de Brasília.

Então, essa cidade tem uma importância crucial na minha vida, na vida de minha família, meus filhos com exceção da mais velha que nasceu quando eu estava fora do Brasil, todos somos daqui, minha esposa é nascida aqui, das primeiras pessoas que nasceram aqui, é, e eu me considero muito privilegiado, e jamais, jamais, tirarei isso da minha vida né, esquecerei isso que Brasília representa pra mim e pra minha família.

Débora Zampier: O Sr. conheceu sua esposa na música também?

David Junker: Foi, no departamento de música.

Débora Zampier: Ah, lá da UnB?

David Junker: Isso.

Débora Zampier: Ah! Que interessante. Ah, esqueci-me de perguntar...

David Junker: Acho muito importante falar isso, sou uma pessoa muito bem casada, com Beatriz, que era Beatriz Sacramento Crispim, hoje Beatriz Crispim Junker, e temos três filhos, Rebeca, 23 anos, Flávio, que acabou de passar no vestibular novamente, que está mudando de curso, tivemos a notícia que ele acabou de passar no vestibular, e Natália que faz também o curso de turismo, o Flávio tava fazendo, é... acho que me lembro, estatística, e passou para educação física agora, então temos os três filhos na UnB, a Rebeca se formando agora, vai buscar mestrado fora do país, e os outros dois que estão agora na UnB, então, eu me sinto privilegiado por ter, ser parte e ter a família que tenho, ser parte de ambas as famílias, tanto dos meus pais quanto dos meus sogros, e temos a família que temos aqui.

Débora Zampier: Mais uma vez a UnB interagindo na sua vida aí, trouxe sua esposa além de tudo ainda né?!

David Junker: Isso mesmo!

Débora Zampier: (risos) Sr. estudava lá ainda...

David Junker: Isso mesmo, estudava lá. E foi uma coisa interessante como a conheci porque, o coral da UnB, nós tínhamos trezentas pessoas naquela época, primeiro semestre do coral da UnB, e eu estava regendo o ensaio e a pessoa que ia tocar piano pra mim não veio ao ensaio, aí eu perguntei se havia alguém né, que podia me ajudar no piano é, e de repente levantou essa, ela, que capturou os meus olhos, e dali em diante não consegui mais tirar os olhos dela, e por aí nós começamos então foi quase, praticamente junto com o coral UnB, este ano fiz, o coral tem trinta anos e eu fiz trinta anos de namoro nesse ano né, então foi junto com o primeiro semestre UnB e desde que ela se levantou naquele ensaio, coitada, ficou tomada. (risos)

Débora Zampier: (risos) Uma coisa que eu ia perguntar, vocês atuaram muito nessa época do coral, na adolescência, na ditadura militar, como é que foi morar aqui em Brasília na época da ditadura? Era tranquilo, vocês sentiam algum...



David Junker: Olha, eu não sei se eu fazia parte de uma, de um grupo que era mais alienado, só posso pensar assim porque...é, eu entrei na UnB em 1978, o grande movimento dos jovens foi em 77, houve um reboiço muito grande, sem considerar o fato de 1968 né? e quando houve, o pessoal entrou, invadiu o campus e tal, foi no ano de 1977, e eu fazendo parte do coral, tendo essas atividades, e também na igreja, eu não me sentia, é, grandes dificuldades, talvez tivesse uma vida mais alienada porque nós não tínhamos um engajamento político, minha família não tinha engajamento político muito forte, e então assim, pra mim, não, pessoalmente não fazia grande diferença.